

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Elaine Cristina Machado

**A REALIZAÇÃO NO TRABALHO DOCENTE: um estudo de caso
sobre a atuação de uma professora do ensino público de nível
fundamental e médio de Belo Horizonte**

Belo Horizonte

2011

Elaine Cristina Machado

**A REALIZAÇÃO NO TRABALHO DOCENTE: um estudo de caso
sobre a atuação de uma professora do ensino público de nível
fundamental e médio de Belo Horizonte**

Monografia apresentada ao programa de Especialização da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH, no curso de Especialização em Psicologia do Trabalho, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do certificado de Especialista em Psicologia do Trabalho.

Orientador: Charles Moreira Cunha

Belo Horizonte

2011

“Precisamos de professores interessantes e interessados. Precisamos de inspiradores, e não de repetidores. Pessoas que tenham vida, coisas para dizer, exemplos para dar. Educar é contar uma história, e inscrever cada criança, cada jovem, nessa história. É fazer uma viagem pela cultura, pelo conhecimento, pela criação.”

Antônio Nóvoa

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar a relação de realização na atividade de trabalho vivenciada pela Professora Maria, através das memórias, dos objetos e das lembranças de pessoas próximas à sua rotina de vida e trabalho. Isso porque se acredita que pesquisando a experiência de uma profissional é possível evidenciar afetos singulares capazes de inspirar e proporcionar reflexões para aqueles que buscam o significado do trabalho no âmbito da educação. Assim, a metodologia utilizada foi o estudo de caso, tendo como base entrevistas semi-estruturadas, por proporcionarem uma maior aproximação da subjetividade que permeia o objeto de investigação. Analisamos nas entrevistas fragmentos das narrativas dos envolvidos na pesquisa que encadearam um novo olhar a respeito dos aspectos que tangem a essência do ser humano e da docência. Dos educadores da contemporaneidade espera-se mais do que se lhes oferece. No entanto, de fato, faz-se necessário que se lhes respeite e que se considere suas histórias de vida, uma vez que são capazes de mobilizar e fomentar nas outras pessoas interesses humanos que traduzam a importância do poder da escolha – fonte essencial para os processos de mudança. Ficam, pois, questionamentos ainda mais fortes sobre o sentido do trabalho do educador.

Palavras-chave: Docência. Memórias. Trabalho.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
1.1	Objetivos	7
1.1.1	Objetivo geral	7
1.1.2	Objetivos específicos	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1	A importância do trabalho	8
2.2	O trabalho: um olhar contemporâneo	10
2.3	A educação e o professor	12
3	METODOLOGIA	16
4	UMA VIDA QUE SE APRESENTA À PESQUISA: APROXIMAÇÕES ANALÍTICAS	18
4.1	Pedaços de uma vida	18
4.2	Memórias da família	21
4.3	Memórias dos companheiros de trabalho	28
4.4	Colcha de retalhos	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	40
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	44
	ANEXO B – COLETA DE DADOS/ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	46
	ANEXO C – PERTENCES DISPONIBILIZADOS	48

1 INTRODUÇÃO

A relação de afeto e trabalho na esfera educacional será a base desse estudo e o objetivo é buscar compreender como a atividade de trabalho de uma professora pode estabelecer relações singulares de forma que sobressaia o sentimento de realização. Mesmo diante das adversidades e impedimentos vivenciados por esses profissionais, principalmente diante das várias estatísticas negativas relacionadas à saúde do educador que permeiam o campo dos trabalhos acadêmicos e o próprio cotidiano no qual estamos inseridos, ainda assim essa realização é possível.

O intento é, através de um estudo de caso, levantar as relações de afeto de uma educadora do ensino fundamental e médio de uma escola pública de Belo Horizonte (que será tratada como X, por razões éticas) e identificar quais questões intrínsecas a essa vivência, lhe permitiram dar continuidade à sua atuação, buscando não só educar, mas também levar a oportunidade de aprendizado aos seus alunos e estabelecer o sentimento de realização profissional.

O “mundo do educador” sempre me rendeu bons momentos de reflexão, tanto que foi substância primordial do meu projeto de conclusão do ensino superior. A temática abordada na ocasião foi “O esgotamento profissional dos professores do ensino fundamental de uma escola estadual localizada em uma região carente de Venda Nova – Região Metropolitana de Belo Horizonte”.

A partir de conversas com uma amiga de trabalho, obtive um contato ainda mais próximo com essa realidade educacional. Sua mãe era professora e lecionava para estudantes do ensino fundamental e médio de uma escola pública, também localizada em uma região carente de Belo Horizonte. Diante de tantos relatos, comecei a me interessar pela rotina dessa professora e, mesmo sem conhecê-la, comecei a traçar uma escuta criteriosa, buscando tecer uma relação entre a educadora e a dona de casa que aqui chamarei de Maria.

Esse interesse permaneceu mesmo após a sua morte. Assim, a pesquisa se desenvolveu por eu compreender que havia a possibilidade de resgatar as memórias dessa vivência através de um estudo de caso, haja vista a relevância de se estudar um caso de realização e sucesso profissional, diante do real trabalho desempenhado pelo educador no atual mundo do trabalho.

Sabe-se que em todos os setores do trabalho crescem as exigências com relação ao perfil do trabalhador, exige-se maior qualificação e competências multifuncionais. No entanto, sem uma estrutura de formação inicial esse trabalhador dificilmente conseguirá manter-se empregado. Por isso, é de fundamental importância compreender como a educação brasileira está sendo tratada por nossa sociedade.

Nesse contexto, o trabalho incide diretamente nas políticas educacionais existentes no Brasil, uma vez que ele dá à educação o papel de subsidiar o desenvolvimento social e econômico do cidadão e do país. Assim, desde o dia 20 de dezembro de 1996, a Lei de nº 9.394 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional - estabelece um diálogo entre forças sociais distintas (organismos internacionais, políticas governamentais, educadores, sindicatos, ONGs, partidos políticos, entre outras), com a finalidade de assegurar ao educando o seu desenvolvimento pleno, no que se refere à cidadania e à qualificação para o mercado de trabalho.

Nesse cenário, o professor também tem ampliadas as suas funções, pois, além de ser responsável pelo processo de formação embasado em uma filosofia educacional, ele precisa criar um canal de relacionamento passível de construção do saber. Ele trabalha como um mediador de expectativas de futuro de pessoas que, muitas vezes, têm interesses divergentes. Além, é claro, de ter que equilibrar dois polos distintos de gerações: a do discente e a do próprio docente. Vale ressaltar que, apesar de distintos, um polo só existe em função do outro.

Portanto, podemos dizer que a função de professor ganha então destaque pela sua responsabilidade social, ética, humanística e político-econômica.

Dessa forma, pesquisar um caso que reflete as memórias de uma profissional dedicada à sua função e que se demonstrava realizada com sua atividade certamente pode trazer um significado único e revelador de afetos singulares que poderão inspirar e proporcionar reflexões para aqueles que buscam, necessitam ou querem reconstruir o significado do seu trabalho no âmbito da educação.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Analisar por meio das memórias de familiares e professores que compartilhavam o trabalho e a rotina de vida da Professora Maria, bem como de seus pertences, a forma como ela se realizava com sua atividade profissional.

1.1.2 Objetivos específicos

- Esboçar um levantamento bibliográfico sobre a atuação dos profissionais de educação e aspectos relacionados ao tema.
- Coletar e analisar relatos de pessoas próximas à Professora Maria, bem como os seus pertences pessoais que remetem à sua função de educadora.
- Correlacionar os relatos colhidos com os pertences coletados.
- Identificar e buscar entre as relações de afeto que permeavam a atuação da Professora Maria as possíveis causas de sua realização profissional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A crescente demanda de responsabilidade social, seja dos alunos, pais, gestores, bem como a dos próprios profissionais da educação, especialmente aqueles que lidam com o ensino público de nível fundamental e médio, tem gerado alguns estudos interessantes sobre as condições de trabalho, saúde, adoecimento e histórias de vida dos trabalhadores em educação.

Na literatura brasileira, a partir de 1999, vê-se uma ênfase sobre a temática da educação e o trabalho. No entanto, as contribuições analisadas não se restringiram apenas ao cenário da educação.

As publicações (sob as mais diversas formas, como: livros, artigos acadêmicos, entrevistas) de Bosi (1994-2003), Gaulejac (1996), Schwartz (1998), Gadotti (1998-2005), Esteve (1999), Codo et al. (1999-2004), Duarte (2004), Barros et al. (2006), Teixeira (1999-2006), Nóvoa (2001-2007-2010), Clot (2001-2006), Ferreira e Mendes (2001-2003), Fortes (2001), Lima (2003), Mignot (2002), Charlot (2003), Santos (2008), Arroyo (2009), Flach (2009), bem como o Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde, dados do DIEESE de 2009, a Lei nº. 9.394 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Portaria nº. 003/2002 que dispõe sobre o ajustamento funcional e informações verbais¹ fecham o estado da arte pesquisado.

2.1 A importância do trabalho

O homem é o único ser que constrói algo ao mesmo tempo em que se auto-transforma, recriando-se a partir de seu trabalho. Segundo Lukács (1979, conforme Lima, 2003), existe uma dialética entre natureza e homem, na qual essa discussão responde a questão do papel fundamental do trabalho diante da construção do ser social.

Segundo Lima (2003), o ser humano é o único ser que produz muito

¹ Informações fornecidas pela professora Maria Elizabeth Antunes Lima, durante as aulas do curso de Especialização em Psicologia do Trabalho da Universidade Federal de Minas Gerais, em junho de 2010.

rapidamente, geralmente mais do que sua própria necessidade, e essa motivação vem do esforço em responder as questões de sua própria existência social. E é justamente “(...) à série de respostas formuladas a tais questões que damos o nome de cultura humana”. (LUCKÁCS, 1964 conforme FORTES, 2001, p.13)

A atividade de trabalho é também obra e ação: obra no sentido de que produz coisas duradouras destinadas a tornar o mundo habitável, estando entre essas coisas o gênero de vida profissional a ser retomado: ação no sentido de que gera – e esse é de fato o objeto de nossas pesquisas – resultados subjetivos indissociáveis do agente, produzidos em comum e transmitidos por narrativas que não são meras arengas que servem à sustentação do esforço solitário. (CLOT, 2006, p. 200)

O trabalho não emerge simplesmente de uma ação para suprir as necessidades, é mais que isso. Segundo Clot (2006), é através do trabalho que o homem se constrói, se relaciona com a natureza e com os outros.

Lancman e Sznelwar (2004, conforme Flach, 2009) definem o trabalho como algo que vai além da atividade remunerada ou da troca financeira. Há, também, uma “remuneração social” que possibilita o relacionamento e o estabelecimento de normas e direitos sociais entre grupos de pessoas distintas. Para ele, a “função psíquica” do trabalho:

(...) é um dos grandes alicerces de constituição do sujeito e de sua rede de significados. Processos como reconhecimento, gratificação, mobilização da inteligência, mais do que relacionados à realização do trabalho, estão ligados à constituição da identidade e da subjetividade. (FLACH, 2009, p.194)

Dessa forma, os trabalhadores são capazes de retomar um “desenvolvimento individual e coletivo” (Clot, 2006, p. 10), uma vez que encontram respostas, saídas e alternativas ante os problemas. É considerando “a lei de reciprocidade” que o trabalho impõe a cada indivíduo o poder de “contribuir por meio dos serviços particulares para a existência de todos, a fim de assegurar a sua própria vida” (CLOT, 2006, p.75). É possível compreender Schwartz (2000, conforme Barros, 2006), quando afirma que o trabalho requer inegavelmente o “uso de si”. Portanto,

(...) carga de trabalho, fadiga deixam de ser dados objetivos que agridem do exterior o indivíduo; eles se negociam em uma alquimia sutil onde tudo depende da maneira pela qual o indivíduo, nas suas virtualidades singulares e seus limites, encontra o objetivo a realizar como ponto de apoio, ao contrário, como restrição de seus possíveis particulares. (SCHWARTZ, 1987 conforme BARROS, 2006, p.24).

Assim, ainda segundo Schwartz (1998) e Clot (2001), o trabalho é um espaço de execução, de problemáticas que se convergem, é um lugar do “uso”, da

gestão. Ou seja, o sujeito é convocado, a todo o momento, na sua “capacidade instituinte” de lidar com “atos industriais” que o possibilitem criar, reinventar, transformar. Há aqui uma clara conexão com a abordagem de Canguilhem (1990, conforme Clot, 2001), na qual se considera inerente ao sujeito a capacidade de se reerguer, de reformular a sua vida frente às demandas que se estabelecem no seu cotidiano. Para ele, a noção de saúde e trabalho converge justamente nesse âmbito em que o indivíduo pode transpor as determinações vigentes em virtude de uma “relação dinâmica” entre o sujeito e o meio, que é imprevisível.

Atualmente, a centralidade do trabalho é justificada não só pela noção de bem-estar. Segundo Lima (2003), ela abrange fatores mais holísticos, como: ser um fator de identidade e um símbolo de reconhecimento social, legitimar e dar sentido à circulação monetária (tendo papel decisivo na criação dos valores de troca perante a sociedade), ser capaz de regular o psiquismo, possibilitar a síntese da teleologia e causalidade (tornando-se um elemento fundante), permitir o uso da capacidade de gerir as incertezas e das competências específicas difíceis de serem objetivadas e possibilitar a construção de uma vida cheia de sentido dentro e fora do próprio trabalho. Afinal, “o produto do nosso trabalho é o nosso espelho no mundo”. (informação verbal) ².

2.2 O trabalho: um olhar contemporâneo

O conceito do trabalho na sociedade atual está sendo modificado devido aos processos de reestruturação e reengenharia produtiva e organizacional provenientes do regime capitalista. E, também, pelo desenvolvimento autofágico da informação, que tem permitido o acesso a e o uso de uma comunicação “globalizada”, sem fronteiras, para todos os públicos, na menor noção de tempo possível. Ou seja, as “novas tecnologias da comunicação multiplicam a informação disponível, mas aumentam também o risco de uma confusão entre saber e informação”. (CHARLOT, 2003, p.15).

² Fala da professora Maria Elizabeth Antunes Lima, durante uma aula do curso de Especialização em Psicologia do Trabalho da Universidade Federal de Minas Gerais, em junho de 2010.

Assim, o trabalho passa a ser visto como um caleidoscópio, no qual não existe mais um padrão ou uma limitação; ele está em crescente e constante transformação na vida do sujeito. E como reflexo faz-se “necessária aos trabalhadores uma disponibilidade cada vez maior para agir em meios profissionais cada vez mais incertos e que exigem por isso que eles dêem sempre mais de si mesmos.” (CLOT, 2006, p.201).

Diante de tais transformações, percebe-se que o sistema atual da organização do trabalho, em especial o formal, não absorve de maneira eficaz a grande mão-de-obra disponível. Por esse motivo, tem-se investido de forma acentuada na educação, sobretudo a de base e a técnico-profissional, como forma de assegurar ao cidadão um lugar no mercado de trabalho e garantir a dignidade desse sujeito, que precisa, de acordo com os padrões vigentes, manter-se trabalhando.

Para Ferreira e Mendes (2003), os trabalhadores da atualidade precisam ter como competências básicas: saber lidar com novas tecnologias e com os problemas não estruturados, relacionar-se socialmente e trabalhar em equipe, além de ter que assumir responsabilidades de “papéis” poucos definidos.

Considerando a visão de Codo (2004), que afirma haver um investimento afetivo em todo tipo de trabalho, e as novas configurações do mercado, que se apresentam de maneira muito mais complexa e multidimensional, muitas vezes os trabalhadores se deparam com conflitos e impedimentos no ambiente de trabalho. Clot (2006) fala sobre a noção de “real da atividade”, que seria justamente os impedimentos, as ações que fracassaram, resistiram à capacidade ou saíram do controle do trabalhador durante a realização de uma atividade.

De acordo com os dados do DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Econômicos – (2009) houve um crescimento de 0,5% na taxa de desemprego do país. Em 2008, o percentual era de 9,8 e em 2009 esse número chegou a 10,3. Apesar desse crescimento não ser expressivo em termos numéricos, sabe-se que o número de trabalhadores assalariados sem carteira assinada ou em situações de subemprego ainda representa uma parcela significativa dentro da população economicamente ativa. Como consequência, a desigualdade social se aguça, fortalecendo o sentimento de exclusão social e a violência.

Os ônus provenientes da mudança na organização social do trabalho têm

gerado impactos não só na esfera político-econômica, mas também têm refletido diretamente sobre a saúde do trabalhador, como mostra o Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde, publicado em 2001 pelo Ministério da Saúde:

A precarização do trabalho caracteriza-se pela desregulamentação e perda de direitos trabalhistas e sociais; a legalização dos trabalhos temporários e da informalização do trabalho. Como consequência, podem ser observados o aumento do número de trabalhadores autônomos e subempregados e a fragilização das organizações sindicais e das ações de resistência coletiva e/ou individual dos sujeitos sociais. A terceirização, no contexto da precarização, tem sido acompanhada de práticas de intensificação do trabalho e/ou aumento da jornada de trabalho, com acúmulo de funções, maior exposição a fatores de riscos para a saúde, descumprimento de regulamentos de proteção à saúde e segurança, rebaixamento dos níveis salariais e aumento da instabilidade no emprego. Tal contexto está associado com a exclusão social e com a deteriorização das condições da saúde. (...) Por outro lado, questões próprias do campo da saúde dos trabalhadores, como os acidentes de trabalho, conectam-se intrinsecamente com problemas vividos hoje pela sociedade brasileira nos grandes centros urbanos. As relações entre mortes violentas e acidentes de trabalho tornam-se cada vez mais estreitas. O desemprego crescente e ausência de mecanismos de amparo social para os trabalhadores que não conseguem se inserir no mercado de trabalho contribuem para o aumento da criminalidade e da violência. (BRASIL, 2001)

A violência e o trabalho podem ser correlacionados quando se observa: a violência contra o trabalhador no ambiente de trabalho (acidentes e doenças provocadas pela própria atividade de trabalho); a violência proveniente de algumas relações precárias de trabalho (trabalho escravo e infantil); a violência ligada às relações com grupos de trabalho (assédio sexual e moral, agressões entre pares, chefias e subordinados) e a violência urbana que se estende ao ambiente e às atividades de trabalho (agressões físicas e psicológicas, roubos, assaltos, assassinatos).

2.3 A educação e o professor

Essas novas situações do mundo do trabalho também perpassam as relações de trabalho que estão intrínsecas à atividade docente, principalmente porque a educação é um direito legitimado e em vias de reconhecimento, não só no Brasil, mas em praticamente todos os países do mundo.

De acordo com Gadotti (2005, p.1), “a educação é um dos requisitos fundamentais para que os indivíduos tenham acesso ao conjunto de bens e serviços disponíveis na sociedade” e “o direito à educação é, sobretudo, o direito de

aprender”.

Para Charlot (2003, p.14), a educação é “um triplo processo de humanização, de socialização, de subjetivação”, trata-se de uma “reprodução” das condições sociais e da singularidade dos sujeitos. Por isso, afirma, “nenhum trabalho é possível, nenhuma educação é possível se aquele que trabalha ou ‘é educado’ não faz uso de si”.

Com relação à atividade docente, Esteve (1999, p.31) afirma que o trabalho “supõe um profundo e exigente desafio pessoal para os professores que se propõem a responder às novas expectativas projetadas sobre eles”, visto que o modelo social e filosófico do questionamento e do saber foi substituído pelo direcionamento do mercado de trabalho.

Atualmente, se vê um debate muito forte sobre a “mercantilização da educação”, como diria Gadotti (2005), ou seja, a escola cada vez mais está sendo colocada à venda. Não raras são as instituições de ensino que surgem da noite para o dia e oferecem um serviço de qualidade questionável. Porém, o próprio Estado enxerga essa questão como uma redução nos seus custos, na medida em que os investimentos na escola pública, cobrados pelos organismos internacionais e pela própria sociedade, tendem a diminuir.

Para Vasques-Menezes (2004) no processo de construção do conhecimento e aprendizado é preciso que o professor estabeleça uma relação afetiva com seus alunos/familiares e, também, uma relação profissional pautada nas questões formais do seu contrato de trabalho, o que torna o seu ambiente de trabalho ainda mais complexo. Além dos novos valores trazidos pela conjuntura do trabalho, o educador tem um conflito ainda maior: dosar o seu envolvimento, o seu afeto nesse ambiente.

Embora alguns autores como Esteves (1999), Gadotti (1998), entre outros, definam o atual momento como sendo de crise e sofrimento, devido à falta de valores e à distorção da identidade profissional dessa categoria, é vital para a educação brasileira mobilizar os educadores, de forma que estejam sempre aptos e abertos ao processo de aprendizagem, para criar e recriar, inovar, descobrir e valorizar o potencial humano do outro e de si mesmo.

De acordo com Vasques-Menezes (2004), a percepção de utilidade do próprio trabalho frente à sociedade é fator primordial para a construção da auto-

estima e da identidade dessa categoria profissional. Por isso, discute-se hoje, que:

(...) ao novo educador compete refazer a educação, reinventá-la, criar as condições objetivas para que uma educação realmente democrática seja possível, criar uma alternativa pedagógica que favoreça o aparecimento de um novo tipo de pessoas, solidárias, preocupadas em superar o individualismo criado pela exploração do trabalho. Esse novo projeto, essa nova alternativa, não poderá ser elaborado nos gabinetes dos tecnoburocratas da educação. Não virá em forma de lei nem reforma. Se ela for possível amanhã é somente porque, hoje, ela está sendo pensada pelos educadores que se reeducam juntos. Essa reeducação dos educadores já começou. Ela é possível e necessária. (GADOTTI, 1998, p. 90)

Em 2007, no Nono Congresso Nacional dos Professores realizado em Lisboa, Portugal, durante uma entrevista Nóvoa afirmou que:

Quem escolheu ser professor, escolheu a mais impossível, mas também a mais necessária, de todas as profissões. E sabe que não vale a pena acreditar que podemos tudo, que podemos tudo transformar. Não podemos. Mas podemos alguma coisa. E esta alguma coisa é, muitas vezes, a “coisa decisiva” na vida das nossas crianças e dos nossos jovens. (NÓVOA, 2007, p.14)

Para um melhor entendimento da afirmativa de Nóvoa, é primordial não só pensar na educação como um reflexo da sociedade capitalista, mas também propor um pensar sobre o que de fato comunga a plena docência. Assim, como propõe Teixeira:

A condição docente é, antes de tudo, da ordem do humano. Mesmo quando nela ocorrem atos de violência e de imposição de uma das partes, mesmo que porventura um dos polos se desumanize, ela pertence aos territórios do humano. Seja quando se realiza em processos heterônomos – desumanizadores – ou quando se dá em processos de autonomia, seja como socialização, como subjetivação, como emancipação, a docência sempre diz respeito aos humanos, a seus encontros, desencontros, entendimentos e conflitos; às suas tensões e incompletudes. A seus devires. (TEIXEIRA, 2007, p. 430)

Ainda segundo a autora, a condição docente também envolve: a “ordem do político” - na medida em que as interações se dão diante de um dado momento histórico; a “temporalidade” - por se tratar de unir pessoas de gerações distintas; a “natividade” – posto que é preciso pensar na importância do novo e no papel da memória diante desse contexto; a “amorosidade” - no âmbito do gostar e comprometer-se; o “conhecimento” - como sendo a base de transmissão e reinvenção de culturas e desenvolvimento; o “cuidado” – na questão do respeito a si próprio e ao outro. Desse modo:

A relação docente/discente poderá favorecer ou desfavorecer, impedir ou realizar experiências emancipatórias e humanizadoras, ou o seu inverso nos (in) acabamentos éticos e estéticos nela implicados. Por ser assim, talvez se possa dizer que a docência é algo da ordem da delicadeza, tanto quanto é ela da ordem do humano, do político e do cuidar. A docência diz respeito ao delicado envolvimento, ao delicado comprometimento, a uma delicada

preocupação e zelo com os destinos e temporalidades humanos: uma delicadeza para com a vida humana, de todos e todas as mulheres e homens – para com o bem comum. É uma delicadeza para com cada vida, presente em cada um e cada uma, individualmente. (TEIXEIRA, 2007, p.433-434)

Cabe, diante do exposto, refletirmos sobre a educação e o professor tal como propõe Charlot (2003, p.13), quando diz que “aquele que trabalha/aprende é um sujeito” e, como tal, possui desejos conscientes ou não, está relacionado a um determinado “tempo social e coletivo” e, por isso, tem a sua forma singular de interpretar a vida e suas nuances frente ao contexto social no qual está inserido.

3 METODOLOGIA

De acordo com Codo (1999, p.189), “qualquer que seja o modo de produção ou a tarefa, existe sempre uma transferência de subjetividade ao produto”. Portanto,

(...) o que vivemos a posteriori conduz a “reescrever”, a “reconstruir”, a re-elaborar de outra maneira o que foi vivido antes e, então viver de outra maneira. É nesse sentido que podemos dizer que o presente muda o passado. Evidentemente, não é o passado que muda, mas a relação que um sujeito estabelece com a sua história passada. (GAULEJAC, 1996, p.1)

"Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho". (BOSI, 1994, p. 55)

E é através das lembranças que conseguimos criar espaços para que o coletivo possa dialogar com o individual, criando assim elos capazes de ligar tempos, pessoas e universos distintos. Ou seja, a memória nos proporciona uma releitura do passado, com as percepções do presente e com os olhos no futuro. Afinal, “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa”. (BOSI, 2003, p. 69)

Assim, a metodologia utilizada foi o estudo de caso, pois havia uma necessidade de analisar as memórias de terceiros e correlacioná-las com dados factíveis. O olhar qualitativo das entrevistas semi-estruturadas visou, pois, assegurar a importância da subjetividade do tema e permear a descrição sistemática e mensurável do conteúdo manifesto. A intenção, portanto, foi proporcionar uma reflexão de todos os envolvidos neste estudo a respeito dos aspectos que foram levantados.

Para tal, foram privilegiados os métodos:

- Entrevista semi-estruturada, para que houvesse um direcionamento inicial sobre a vivência que se pretendia resgatar, com o objetivo de não limitar esse relato e possibilitar que memórias relevantes pudessem emergir durante o processo da entrevista. Entrevistamos pessoas que compartilharam direta e indiretamente a vida e atuação profissional da Professora Maria.
- Análise de objetos biográficos e pertences pessoais, principalmente os relacionados à sua atuação profissional.

É importante ressaltar que não houve a pretensão de realizar um trabalho

de pesquisa voltado para a “história de vida” que “permite apreender as articulações entre os fenômenos objetivos, as determinações inconscientes e a experiência subjetiva”. (GAULEJAC, 1996, p.1)

Trata-se de um estudo de caso que buscou analisar a realização no trabalho desenvolvido, que deixou rastros nas mais diversas relações em que a Professora Maria investiu em vida. Dessa forma, ousamos realizar a investigação do passado que está presente nas lembranças de muitos sujeitos, e que, a partir da delicadeza da pesquisa, leva a pensar sobre as influências que a Professora Maria exerceu e nos deixa com certo legado de ensinamentos, possibilitando-nos compreender melhor as tramas e estratégias construídas no próprio trabalho, sobretudo nas relações que ela instituía com seus colegas e, não menos relevantes, no ambiente familiar. É a história da docência e da educação que investigamos, bem como a marca que deixamos através do trabalho para, então, compreender o significado da expressão “realização profissional”.

Todavia, assim como o próprio Gaulejac (1996) menciona, a memória, com o seu importante papel de reter, guardar, armazenar a história vivida, possibilita um reencontro com o tempo passado e uma reelaboração dos acontecimentos vivenciados ou idealizados. É esse fator que nos auxilia a viver em sociedade, tal como propõe este trabalho.

4 UMA VIDA QUE SE APRESENTA À PESQUISA: APROXIMAÇÕES ANALÍTICAS

Se toda ação formadora se dá em uma relação de pessoas, se nela se expressam homens e mulheres, estes não podem ser vistos como meros pacientes da ação formadora ou deformadora das tecnologias, da reorganização dos processos de produção e trabalho. As pessoas são sujeitos que se expressam nessa materialidade, que entram nela com suas matrizes culturais, suas histórias pessoais, suas representações e valores, sua subjetividade, sensibilidade, afetividade, emoções, sua condição humana. (ARROYO, 2009, p.1640)

A priori, será apresentado um breve relato da história de vida da Maria, pois é preciso entender sua trajetória de vida para, então, perceber em que contexto se dava a sua relação com a atividade de educadora.

Devemos considerar que:

Escrever memórias numa ordem rigorosamente cronológica seria uma tarefa difícil, perigosa e possivelmente monótona. De resto, o tempo do calendário e do relógio pouco e às vezes nada têm a ver com o tempo do nosso espírito. (VERÍSSIMO, 1994 apud MIGNOT, 2002, p.47)

Assim, a partir dos “retalhos e fragmentos” colhidos nas entrevistas, não só a história da Maria será apresentada como, também, as memórias de seus familiares e amigos de trabalho. Através das memórias, buscar-se-à resgatar, compartilhar, reviver, criar, recriar momentos e acontecimentos de forma que as imagens, sentidos e sentimentos inerentes a essa convivência possam se sobressair, possibilitando uma reflexão acerca da pessoa e da profissional que foi Maria.

4.1 Pedacos de uma vida

Maria nasceu no dia 08 de junho de 1956 na cidade de Jequitinhonha, norte de Minas Gerais. Os pais eram agricultores e, apesar de possuírem algumas áreas de terra, não tinham nada além do básico para a sobrevivência em casa, visto que, além dos dez filhos, seu pai sustentava alguns vícios que consumiam praticamente todo o dinheiro que recebia: mulheres, jogos e bebida. A ele, Maria sempre atribuía a figura de um homem rígido e, em alguns momentos, violento, por efeito da bebida. Esse fato não a intimidava; ela chegou a enfrentá-lo diversas vezes.

Com doze anos, Maria formou-se no ensino primário e quatro anos depois se casou com um militar, sem concluir o ensino fundamental. Logo no início do casamento, ela engravidou. Apesar de já ser mãe e dona de casa, ela ainda mantinha hábitos de criança, como brincar na rua, enquanto o marido trabalhava e o filho, ainda bebê, dormia. Meses depois do nascimento do primeiro filho, ela se viu novamente grávida. Mas o casamento não durou muito; com dezoito anos ela se separou. Após ser agredida pelo marido, ela teve um “ataque de raiva”, destruindo toda a mobília da casa e, com os dois filhos, regressou à residência da mãe. O filho mais novo tinha apenas dois meses de vida e a família do ex-marido a obrigou a entregá-lo para eles. Pressionada pela mãe, que não tinha condições de abrigá-la com os dois filhos, ela acabou cedendo.

Com o objetivo de garantir meios de criar os filhos, ela veio para Belo Horizonte em busca de um emprego. Na casa de uma irmã mais velha se abrigou e, a partir de então, começou a trabalhar como doméstica. Porém, a saudade dos filhos a fez voltar antes que completasse dois anos na capital. Regressou a Jequitinhonha em 1979. Conheceu Antônio, um patrulheiro rodoviário, e com ele começou uma nova vida. No mesmo ano, conseguiu o seu primeiro emprego formal (carteira assinada) como discotecária na Rádio Fundação Santa Cruz de Jequitinhonha. Lá ela ficou por três anos e dez meses e se tornou locutora; saiu em 1981 para dar aulas de Português a crianças de primeira a quarta série na cidade vizinha - Salto da Divisa. Entretanto, em 1987 retornou à Rádio, tendo permanecido lá por quase sete anos.

A união com Antônio se solidificou com a chegada da primeira filha do casal, Sandra, em 1982. Nesse mesmo ano, Maria concluiu o ensino médio. Trabalhando como locutora e professora, tendo ainda de cuidar da casa e dos filhos, ela mantinha viva a vontade de melhorar as condições de vida da família. Por isso, não deixou de investir na sua formação.

Apesar dos filhos do primeiro casamento terem sido criados pelas avós, o mais velho por sua mãe e o outro pela avó paterna, ela fazia questão de auxiliá-los, não apenas financeiramente. Estava sempre presente e acompanhando o desenvolvimento educacional dos filhos.

A faculdade de Letras na cidade de Almenara, a escola em que lecionava em Salto da Divisa, o trabalho na rádio em Jequitinhonha, os filhos ainda pequenos

e o marido trabalhando como patrulheiro rodoviário (constantemente viajando para outras cidades) deixam claro que nada foi fácil. Mas, em 1995, já com quarenta anos de idade, Maria conquistou a habilitação de “Licenciatura em Letras”.

Em 1996, Antônio foi exonerado de seu cargo na polícia e propôs a Maria vir para Belo Horizonte a fim de procurar um novo emprego. Como o filho mais velho também estava em Belo Horizonte, ela imediatamente solicitou a transferência para uma escola e uma rádio - dessa cidade. Com a certeza de que seria possível continuar trabalhando, ela se mudou com a família.

Embora tenha conseguido uma transferência para atuar como locutora em uma rádio católica de Belo Horizonte, Maria preferiu prestar outro concurso público e conseguiu ser designada para atuar, não só como professora do ensino fundamental, como também do ensino médio em 1995-1996. A partir de então, ela sempre conciliou os dois trabalhos, dedicando-se aos alunos do ensino fundamental no turno da manhã e aos alunos do ensino médio à noite.

Em 2002, após um infarto, iniciado dentro da sala de aula, recebeu o diagnóstico de que estava com miocardiopatia dilatada³.

Maria iniciou o tratamento, sendo afastada definitivamente de suas funções profissionais em 2005. Não aceitando o diagnóstico, ou melhor, ter que manter-se afastada de suas atividades de professora, ela recorreu ao Ministério do Trabalho e, depois de várias perícias médicas, recebeu a liberação para retornar ao trabalho.

Apesar de realizar corretamente o tratamento medicamentoso, o fato de ainda se sentir útil e a diferença salarial a fizeram temer uma possível aposentadoria por invalidez. Continuou, portanto, a dar aulas, até que foi acometida por um derrame, no dia 3 de agosto de 2007, poucos minutos após finalizar a última aula do turno da manhã.

Não resistiu à cirurgia cardíaca para colocação de um marca-passo e, em 11 de outubro de 2007, faleceu.

³ Trata-se de uma doença cardíaca caracterizada pela dilatação ventricular com redução da função ventricular, cuja causa ainda é geralmente desconhecida pela medicina. O tratamento, nesses casos, inclui, além de medicamentos, medidas que auxiliam a redução da tensão, como: repouso, sono de qualidade e redução do estresse. Em casos mais graves é indicada a implantação de marca-passos, desfibriladores ou dispositivos ventriculares.

4.2 Memórias da família

A pesquisa contou com as contribuições do ex-companheiro, Antônio, e de suas duas filhas: Sandra, a filha mais velha e Clara, a caçula. Antônio e Clara foram entrevistados no dia 07 de setembro, por residirem no mesmo local e Sandra no dia 23 de setembro, também em seu lar.

Todos os entrevistados afirmaram que, além de trazer o trabalho da escola para fazer em sua casa, Maria o distribuía entre eles, ou seja, eles a auxiliavam na conferência e no registro de notas, na confecção e na correção dos exercícios e provas. Segundo Sandra, Maria chegou, por várias vezes, a levar o mimeógrafo da escola para a sua casa. Clara mencionou, ainda, que a mãe adquiriu um computador, aproximadamente dois anos antes de falecer, para facilitar o trabalho dela e dos familiares. Isso porque ela normalmente chegava a sua casa por volta das onze horas da noite e ficava até às três da manhã fazendo as tarefas extra-classe.

Esse fator é comum na vida dos profissionais da educação, conforme evidencia Teixeira (1999), quando afirma que:

Na correria de escola para escola, de uma sala de aula a outra, transitando de um conteúdo a outro, de casa para a escola e da escola para casa, em cadências marcadas pelos relógios, horários e calendários; movidos pela necessidade de sentimento de que é preciso aproveitar o tempo e compatibilizar as tarefas profissionais com suas responsabilidades de mães, pais, de cidadãos, de consumidores, os ritmos do tempo do trabalho dos professores são muito particulares, conformando hábitos, estilos de vida e modos de ser constitutivos de suas identidades. (TEIXEIRA, 1999, p.92).

A escola assume um papel importante, não apenas pelo fato de exigir dos educadores uma parte considerável de seu tempo, mas, também, pelos relacionamentos que propicia. No caso de Maria, ao longo dos vinte e cinco anos dedicados à educação, percebe-se que o trabalho “trata-se sim, de marcas singulares, mas marcas perpassadas por valores não dimensionáveis que se constroem em coletivos. Nunca se trabalha sozinho”. (SOARES, 2007, conforme SANTOS, 2008, p. 106)

[...] Os professores que ela gostava frequentavam a nossa casa e viraram amigos nossos assim... que a gente nunca vai esquecer. Pro resto da vida! [...] Lembro que eles iam lá pra casa no sábado... e... era escola o tempo todo, só falavam sobre a escola. Que a sala tal, que o aluno tal, que a secretaria deveria fazer isso e isso e isso... Ah, eu acho que é normal, eles trabalhavam juntos e quando se encontravam falavam muito sobre escola. Mas, falavam sobre outras coisas, também. Riam, contavam piadas,

brincavam. Mas, a maioria das vezes, o assunto era sobre a escola.
(SANDRA)

E assim como havia os bons momentos, outros marcaram por serem frutos de divergências. No resgate do passado de Maria, esses momentos são mencionados pelos familiares, graças à sua forma singular de se relacionar:

[...] ela era assim... Muito real. Muito verdadeira! Eu acho que, se fosse o meu caso, eu não seria assim! Eu fingiria um pouco. Ela era real demais! Ela era muito verdadeira. [...] Ela falava que professor de Português não pode errar. Ela falava mesmo: - Oh, professor, não é isso não! Ela chamava a atenção, mesmo. Então, ela corrigia os outros professores. Mas todo mundo gostava dela. Porque ela era real, eu que tô falando que ela deveria mudar. (ANTÔNIO)

Para Teixeira (2006, p. 435), trata-se de uma situação habitual para o educador, que necessita lidar com “uma complexa trama de interações e trocas, de entendimentos, de conflitos e tensões, em que não faltam problemas”, tais como: ter que se “relacionar com tipos humanos e sociais que não escolheu, com os quais não se identifica, não tem simpatia e empatia.” (TEIXEIRA, 2006, p.438).

Isso está presente, inclusive, nas falas de suas filhas:

[...] mãe dizia que menino que não quer nada com nada, ela não fazia questão que assistisse à aula dela não. Quem quer ficar dentro da sala pra poder estudar que fique. Quem não quer, a porta de entrada é serventia da casa. [...] Então sempre tinha um comentário assim, lembro quando ela enfrentou um aluno dela. Ele ficava apagando a luz do fundo da sala. Ele apagava a luz e ela mandava acender, ele apagava e ela mandava acender. Aí, ele pegou a cadeira e falou que ia bater na cabeça dela. Ela respondeu pra ele: “Então, você vai pegar essa cadeira e vem aqui, agora! Bate na minha cabeça, porque se você fizer isso amanhã faz dois dias. E aqui você não vai está. Não estou te ameaçando não, mas, eu não estou aqui à-toa, não! O que você faz aqui dentro não muda o salário que eu recebo. Não muda nada! Mas, me agredir, não. Aí você está mexendo comigo. Até saindo, fugindo da minha função aqui dentro.” Aí eu lembro que ela falou que esse menino saiu da sala, não agrediu nada e depois pediu desculpas.
(SANDRA)

[...] às vezes, ela comentava sobre as brigas com os alunos é que... tinha uns alunos lá que era... era, assim bem atentados, levados, mesmo! Era discussão rotineira, de aluno e professor: pra parar de fazer bagunça. E com a diretora que... Ela não gostava muito. Da diretora, não! Das coisas que ela fazia. Ah... A diretora era... era... era muito autoritária. Mãe falou até que ela desviou verba da escola e tal. Então ela nunca se dava bem com a diretora da escola. (CLARA)

Para Maria, mostrar a “realidade” e trabalhá-la dentro da sala de aula era a melhor forma de interagir com seus alunos e fazer com que eles pudessem trocar experiências e aprender. As adversidades vivenciadas em sala de aula eram gerenciadas com muita dedicação, criatividade e com a imposição de certos limites, conforme se pode observar nos relatos abaixo.

[...] ela criava uma coisa nova e que ela... empregava aquilo lá na escola. E aquilo acabava dando certo. [...] Ela fez uma interação... eu não sei explicar direito, de dá aula de Português com a aula de Educação Física. E isso, gerou um trem bom lá na escola. E que passou a todo mundo fazer e aqueles alunos que eram assim... eh... digamos afastados, um pouco, das aula passaram a se interessar. [...] inclusive esse trem dela, foi pra... pra... reunião de outras escolas da região. (ANTÔNIO)

Às vezes, eu entrava na sala dela e todo mundo tava quieto e tal, prestando atenção, mesmo! Os trabalhos que ela fazia, eram trabalhos diferentes. Ela levava mesmo... Teve uma vez que o meu irmão estava ouvindo uma música que falava sobre periferia, favela e ela levou pra trabalhar com os meninos... conseguia dar a aula dela toda em cima daquilo. A aula dela era toda diferenciada. (CLARA)

[...] eu lembro que eu tinha uma professora de história que a minha mãe ficou revoltada com ela. Ela tomou cerveja dentro da sala, ela colocava as respostas da prova no quadro. A minha mãe foi falar com a diretora. E foi falar com ela e brigou e bateu o pé. Tanto que essa professora saiu da escola. Ela não deu aula, mais. Então, as pessoas não tinham que trabalhar como ela. Mas, tinham que pelo menos, seguir o regime que a escola tinha. Entendeu? Da forma de dar aula, de postura, de tudo. Isso ela preservava ao extremo. (SANDRA)

O diferencial de Maria, segundo a família, estava diretamente ligado à sua maneira de agir, no âmbito comportamental e na didática por ela utilizada. Diferente de outros professores, segundo eles, ela não “usava máscaras”. Era a mesma pessoa em casa e no trabalho. Nos seus planos de aula, além do previsto pelo programa pedagógico, havia sempre a transposição do aprendizado para a realidade vivenciada por seus alunos.

[...] a forma dela dá aula era voltada para os acontecimentos do momento. Ela não era tal... ah... o livro é esse então a gente vai ter que seguir. Mas, dentro dos temas que eram para ser trabalhados dentro da sala de aula ela tentava colocar dentro da realidade da gente. [...] Mesmo o tema, digamos assim... literatura brasileira. Aí os meninos gostavam muito de rap... Mas, o livro Carandiru assim... assim... Então, ela usava o conhecimento das pessoas para falar da literatura brasileira. Mas, não só aquele que a gente sempre conhece: Monteiro Lobato, Machado de Assis, não sei... não sei o que... Ela, não. Buscava outros que faziam parte da literatura brasileira, mas, dentro da realidade nossa de adolescente. (SANDRA)

Isso favorecia o desempenho dos seus alunos, uma vez que lhes permitia interagir na busca de uma “nova cultura escolar”. Segundo Gadotti (2005), faz-se necessário estabelecer uma sintonia entre escola e comunidade, de forma a considerar a “identidade cultural” e a “bagagem” do aluno/professor. Essa relação produtiva é demonstrada nas falas abaixo:

Os alunos gostavam, gostavam que eh... que... como eu posso dizer, a turma que que ia formar, concluir o ensino médio, que ela não estava mais aqui. Fizeram inclusive uma homenagem pra ela. Vestiram uma camisa com o rosto dela estampado na camisa, entendeu? Então, eu

acredito que eles gostavam. Teve aluno que veio aqui em casa, antes... anterior... e que fez o ensino médio com ela e havia passado em vestibular de uma grande universidade veio aqui agradecer depois que ela morreu. Veio aqui agradecer, porque ela não era só professora. Ela era uma conselheira! Ela tratava os alunos como um amigo extra-classe. Encontravam com ela no supermercado, em outros lugares e assim era super popular. (ANTÔNIO)

[...] ela fazia com que todo mundo entendesse da mesma forma sendo ambientes diferentes, vidas diferentes. A maioria dos alunos, pelo menos os da minha sala eram de classe bem baixa, mesmo! Moravam em favela, então, como que ela ia interagir uns aos outros com diferenças assim... tão grandes. Não tinha! Eu era a filha da professora, então pra eles eu era a “Patricinha” do momento. E eu tinha que interagir com meus colegas e ela conseguia fazer isso de uma forma muito natural. (SANDRA)

Os meninos iam bem. Tinha uns que... sempre tem um que não quer nada com a vida. Mas a nota dos meninos, tinha uns que tinha assim... um aproveitamento bem legal. Uma nota bacana. (CLARA)

Nesse aspecto, outro fator importante levantado por Sandra refere-se ao acompanhamento familiar do desempenho escolar. Esse acompanhamento, por mais que fosse priorizado pela Professora Maria, ainda a deixava “frustrada” e “ela acaba tomando até alguns problemas de alguns alunos pra ela”. (SANDRA).

Nóvoa (2001) disse durante uma entrevista à TV Brasil que “cada vez que a sociedade tem menos capacidade para fazer certas coisas, mais sobem as exigências sobre a escola.” E para tentar amenizar ou compensar essa ausência da família no ambiente educacional, ou a falta de estrutura dessa entidade, Maria se dedicava muito e procurava conscientizar os outros, através do exemplo.

[...] ela era aquela professora que preocupava, corria atrás, os meninos não queriam, não tinha um aproveitamento... Ela fazia de tudo! Tanto é que ela tem um tanto de alunos que os meninos tava fazendo pré-vestibular e ela ajudava... os meninos em Literatura, Português, tudo. Ah! O trabalho dela foi bem feito. Nó, ela... foi bem feito mesmo. (CLARA)

[...] ela deixava a lição de vida dela, de que ela estudou tarde, de que ela conseguiu as coisas tarde, é... mas, que alcançou alguma coisa. E que eles também podiam alcançar. Não importa, se eram pobres ou ricos, se mora na favela ou não. Falava dentro da sala. (SANDRA)

[...] Ela se dedicava extremamente ao trabalho, então... Acho que... até às vezes eu comentava: Ah... fulano não faz isso, fulano não faz aquilo, e ela falava mas eu faço. Então era o trabalho dela, ela se dedicava demais, é por aí. (ANTÔNIO)

Ah, ela nunca desistiu de nenhuma batalha que ela teve na escola. Se era pra conseguir é... algo de bom pra escola ela tava ali e corria atrás. Se ela era pra conseguir algo de bom prus professores ela tava atrás. [...] O ginásio

da escola, lá só tinha uma quadra que era horrorosa, os meninos tinham aula de Educação Física no sol, e ela achava aquilo um absurdo e ela junto com a (diretora) e os outros professores conseguiram isso. Nossa! Quando conseguiram, ela ficou muito feliz. Muito feliz, mesmo! (SANDRA)

De acordo com Duarte (2008) as pesquisas sobre a saúde do docente nos países latino-americanos se deram de forma tardia e indicam a predominância dos problemas de voz, transtornos mentais e psicoafetivos. Ao analisar pesquisas no período de 1990-2003 sobre professores da região metropolitana de Belo Horizonte, a autora, constatou que:

[...] as investigações sobre o trabalho docente apontaram alguns aspectos convergentes: pouca eficácia dos mecanismos institucionais criados para decisão coletiva, como colegiados, reuniões de turno e similares (MACHADO, 1990; GONÇALVES, 1992); dificuldade de se implantar espaços coletivos para discussão, proposição e execução do trabalho docente (CUNHA, 2003; FERNANDES, 2002; DOMINGUES, 1997; GONÇALVES, 2003); distância entre as prescrições postas para o trabalho docente e as condições de trabalho e demandas dos alunos (FARDIM, 2003; GONÇALVES, 1992; GONÇALVES, 2003); responsabilização individual dos docentes pelos resultados (DOMINGUES, 1997; FARDIM, 2003; GONÇALVES, 2003); intensificação do trabalho (FARDIM, 2003; GONÇALVES, 2003; NASCIMENTO, 2002) e adoecimento dos professores (FARDIM, 2003; DOMINGUES, 1997; GONÇALVES, 2003). [...] Outros aspectos foram citados por Fardim (2003) e Gonçalves (2003) que afetam a realização do trabalho coletivo, como o número elevado de alunos em sala de aula, as turmas cada vez mais heterogêneas, os horários entrecortados, a sobrecarga de trabalho dos docentes e a estrutura curricular. (DUARTE, 2008, p.480)

A “extrema dedicação”, na concepção de Antônio, não chegava a comprometer os outros aspectos de sua vida. Para ele, Maria tinha uma “vida normal”. Atuava como professora em dois turnos na escola X, era dona de casa e estava estudando para fazer uma pós-graduação à distância. O intuito dela, segundo Sandra, era criar uma comissão na escola capaz de unir pais, funcionários, alunos e membros da comunidade para dialogar e viabilizar melhorias para todos.

Ela dizia que ia fazer mestrado, doutorado, esses trens tudo. Ela falava que ia fazer uma tese e que ia mudar esses trens tudo, que não adianta ficar ensinando essas porqueiras. Porque esses meninos não aprendem e isso não serve pra nada. Ela dizia que eles gostavam era de música, de coisa diferente. As coisas que eu lembro dela é assim, ela inventava as coisas lá na escola. Não sei se tava certo, mas sei que dava certo. Isso sempre foi assim, desde que vivemos juntos. (ANTÔNIO)

Ao falar sobre a saúde de Maria, os familiares apresentam aspectos significativos que merecem destaque. Há uma racionalização com o objetivo de ratificar os impedimentos vivenciados no trabalho e, ao mesmo tempo, de elevar a sua necessidade para garantir o equilíbrio físico, social e mental da professora Maria.

[...] ela gostava tanto de trabalhar que ela morreu trabalhando, né! Adoeceu trabalhando! No último horário, dia 03 de agosto de 2007 ligaram aqui pra casa que ela tava passando mal. A escola já levou pro hospital, no último horário, ela passou mal caiu na sala de aula e os professores e alguns alunos que ainda estavam lá correram e levaram ela pro hospital. Foi no dia 03 de agosto, que ela passou mal, ela permaneceu internada teve uma saída no início de setembro que eu não me lembro a data, veio pra casa e ficou três dias. E retornou pro hospital... E no dia 11 de outubro ela ia fazer uma cirurgia que tava marcada para implantar um tal de um... recro... sincronizador do coração e ela não agüentou a cirurgia e faleceu. (ANTÔNIO)

Ao serem questionados sobre a carga de trabalho e o agravamento da doença cardíaca de Maria, os familiares demonstram certa indefinição de sentimentos. Para Clara, não há como definir o que seria melhor para a mãe. Durante a licença, a mãe demonstrava uma grande insatisfação por não se sentir útil; porém, talvez pudesse ter cuidado melhor da saúde, evitando o estresse do ambiente de trabalho. Antônio, entretanto, afirma não haver qualquer associação:

Ela sabia que era grave... Ela não aceitou a licença por tempo indeterminado, ela não aceitou permanecer com essa licença ela retornou em outro médico e ele permaneceu com a licença por tempo indeterminado. Ela recorreu a outro médico e o médico disse que nada a impedia de trabalhar. Ela queria retornar ao trabalho e o outro médico disse que ela podia sim voltar, ele revogou a licença dela e disse que ela podia voltar à atividade normal, não sei se fez isso para satisfazê-la e tal, mais aí ela voltou a trabalhar. [...] ela dizia que não ia ficar aqui dentro de casa sem fazer nada não, que ela gostava da escola e ia para a escola e foi. Mas eu acho que não foi a escola, o trabalho que causou essa doença dela. Não! Acho que... já era predeterminado. (ANTÔNIO)

Sandra demonstra uma visão mais ampla. Ela acredita que a atividade de trabalho:

[...] contribuiu também. Até porque o médico dela pedia pra ela aposentar. Só que ela falou que não ia aposentar porque se ela aposentasse o salário dela não seria o mesmo. Então, é... talvez a gente poderia até passar necessidade, ela não sabia! Então, ela falava que não ia aposentar, por isso. Pra ganhar pouco, não! Então ela continuava trabalhando. Então... querendo ou não se o médico fala pra você que você tem que parar de trabalhar e a pessoa não pará. Por amor a profissão e também pelas dificuldade que aposentado com um cargo só efetivo, é... um cargo só efetivo, ela iria ganhar pouco. Ela não iria aposentar. Mas, não é, não foi só isso. Teve alguns problemas pessoais que minha mãe passou e que agravaram ainda mais o problema cardíaco dela, a pressão alta e tudo. Que foi quando o meu irmão foi preso, aí ela entrou em depressão. Então assim... Nesse período, até pra ela ir trabalhar foi difícil. Mas, mesmo assim ela ia. Mesmo assim ela ia. Ela ficou afastada pouco tempo, no período em que meu irmão foi preso e que ela teve uma depressão muito profunda que ela emagreceu muito, muito magra. Minha mãe não comia, só tomava café, fumava o dobro, então assim as duas coisas. Além dos problemas pessoais, a rotina que ela tinha do fato de não aposentar e que é difícil trabalhar de manhã e a noite dando aula o problema de saúde foi só agravando. [...] Mesmo cansada, ela ia (para a escola). Falava que no final de semana ela descansava. E a gente preferia isso, vê ela bem em casa trabalhando do que ela em casa e frustrada. Reclamando, porque aí ela ia ter tempo de

fazer as coisas de casa e ainda sobrava tempo. Na escola, não. Na escola, ela ia pra escola de manhã, chegava de tarde almoçava e voltava à noite. Mas, se tinha alguma coisa pra fazer, fazia. Final de semana, fazia as coisas dentro de casa da forma que ela gostava. Passeava quando ela queria. Gostava muito no domingo de ir na casa da minha tia. Gostava de ir num barzinho tomar uma cervejinha. Então se ela conseguia fazer tudo isso? Então ela não ia querer aposentar nunca! (SANDRA)

Sabe-se que atualmente a sociedade exige cada vez mais dos profissionais da educação; todavia, conforme, afirmou Nóvoa durante uma entrevista à Revista Educação no dia 01 de fevereiro de 2010 “dá-lhes quase nada”, ou seja, “a profissão de professor necessita de ser revalorizada do ponto de vista salarial, mas também no que diz respeito ao seu estatuto social e profissional”. (NÓVOA, 2010)

Para a família, a realização profissional era algo perceptível no cotidiano de Maria. De acordo com Antônio: “esses comentários ela fazia... ela se sentia assim... bastante satisfeita, sabe? Com o que ela fazia. Então, acho que era uma realização”. Clara também falou sobre o “amor à profissão”.

O amor pela profissão e pelos alunos é fonte transformadora do sofrimento no trabalho, canalizando para uma vivência de prazer no mesmo. Ainda que trabalhando em condições adversas, as professoras expressam o desejo de exercer suas atividades guiadas pelo prazer e pelo amor, o que lhes permite dar maior sentido e identificação a sua prática educativa. O discurso do amor busca, às vezes, obscurecer contradições e precariedades do trabalho. (SOARES, 2008, p. 91)

Para Sandra, como professora Maria se sentia realizada, embora não o suficiente, tanto que ela estava em constante processo de aperfeiçoamento. E essa “motivação” pelo trabalho, para eles, era proveniente do desejo de proporcionar uma melhor qualidade de vida para a família.

Em casa, a mesma determinação e a mesma exigência eram demonstradas na educação dos filhos. Ela os incentivava e cobrava um bom desempenho no estudo. Não investiu na educação particular, por acreditar que o diferencial do processo de aprendizagem estava diretamente ligado à forma como o aluno percebia a importância e a correlação de sua vida com os ensinamentos propostos durante a aula, e não pelo fato de ser uma escola pública ou particular. De acordo com Sandra, o que comprova o discurso da mãe é o fato de que praticamente todos os filhos estudaram em escolas públicas e conseguiram ingressar na faculdade.

O filho mais velho, após cumprir pena por dois anos, saiu da prisão, se formou em Educação Física e hoje também é professor. Sandra trancou a faculdade de Educação Física no quarto período, Clara está no quarto período de Direito e

Leonardo faz Administração em Curitiba, cidade em que vive com sua família. Portanto, apenas um dos seus cinco filhos não teve interesse em seguir a carreira acadêmica; preferiu dedicar-se a cursos profissionalizantes.

Um dado que merece destaque é o fato de que Sandra cursou o último ano do ensino médio tendo a mãe como professora. E sobre essa situação ela relata que a mãe enquanto professora lhe:

[...] cobrava mais do que todo mundo. Comigo era sempre mais exigido. Acho que por eu ser filha dela e ela ser a professora, ela queria que eu desse o exemplo. Mas, não era diferente com relação aos outros alunos, não. Me cobrava dentro da minha casa, dentro da sala de aula era imparcial, era como se eu fosse igual a todos. Igualzinho! [...] Muito correta, eu nunca vi uma professora tão correta como era minha mãe. Mesmo ela sendo minha mãe. [...] E eu gostava de ser aluna dela, apesar de ter uma exigência maior como mãe. Mas, uma excelente professora. Excelente! Ela foi minha professora de Literatura, não chegou a ser de Língua Portuguesa, eu queria que fosse de Língua Portuguesa. [...] Eu queria que fosse de Português porque todo mundo falava que ela era uma excelente professora de Português, mas de Literatura também. (SANDRA)

A relação com a mãe, com a esposa e com a professora Maria demonstra memórias ainda carregadas de emoção e sentimentos por parte dos familiares entrevistados, cujas marcas mais profundas se caracterizam pela alegria de viver, dedicação por melhorias, respeito e transparência.

4.3 Memórias dos companheiros de trabalho

A coleta dos relatos dos companheiros de trabalho se deu no feriado do dia 07 de setembro de 2010, por volta das dez horas da manhã. Na ocasião, as entrevistas aconteceram na antiga casa da Professora Maria. Com o auxílio do Sr. Antônio, prontamente pude conhecer o Professor Agnaldo e a Professora Odete. Ambos trabalharam com Maria por aproximadamente dez anos na mesma escola estadual, a escola X.

Agnaldo é professor há dezesseis anos e lecionava Geografia e História, na ocasião, para os alunos do ensino fundamental e médio. Agora, porém, está apenas dedicado à Geografia do ensino médio em outro estabelecimento educacional. A segunda entrevistada, Odete, por dezoito anos deu aulas de Português para alunos de primeira a quarta série do ensino fundamental. Hoje, após

ajustamento funcional⁴, exerce o cargo de bibliotecária na escola X, devido a uma realocação motivada por problemas vocais.

Quando questionados sobre uma possível definição da atuação da Professora Maria, ambos se mostraram saudosistas. Segundo Agnaldo, ela era “enérgica” e tinha muita vontade de fazer um bom trabalho; essa “energia” era o seu diferencial. Como educadora, ela priorizava o conhecimento.

[Maria] Tentava mostrar para os alunos que era possível aprender, que eles poderiam aprender, entendeu! Vencer as dificuldades. Dificuldades de aprendizagem, porque escola de periferia é muito complicado. A gente pega alunos de todas as formas, com defasagem de aprendizado e isso tudo ela tentava suprir. (PROF. AGNALDO)

Eu acho que ela era aquela professora assim... Participativa, comunicativa, aquela professora que descobria com os meninos aquilo que ela queria ensinar. Sabe? Ela não dava nada pronto. Ela levava os meninos à descoberta. Que eu acho que isso é o mais importante, né! [...] ela pegava recorde das coisas que estavam acontecendo, antigamente há uns anos atrás a gente, assim, não tinha acesso a internet... Então, aquelas coisas mais importantes ela trazia e os meninos descobriam. Eu acho que é a professora da descoberta, a participação dela, levar os meninos a descobrir, como professora e como amiga. (PROF^a. ODETE)

De acordo com Arroyo (2009), em qualquer processo de formação podemos identificar a relação entre pessoas que se “expressam nessa materialidade” através de suas singularidades. Ou seja, a condição humana é a base estruturante no que se refere à educação e à atividade do educador. A respeito desse relacionamento, disseram os entrevistados:

A escola na época que nós trabalhamos juntos, tinha uma... união de professores muito boa. Então, todo mundo gostava de trabalhar, com ela... né, uma... foi é... Uma fase muito boa da nossa vida, na “X”. Na escola, a escola de periferia, né! É muito complicado, pra, assim... em termos de... de... desenvolvimento do trabalho. Mas, eh... O grupo, muito, era muito bom, na época em que nós trabalhamos. (PROF. AGNALDO)

Ela se dava bem com todo mundo. Ela é assim uma pessoa muito sincera, falava as verdades na hora que precisava falar, né. Mas, assim, ela era uma pessoa que se dava bem com todo mundo. Mas, por ela exigir muito, pela matéria igual eu to te falando, Português é uma matéria que exige muito. Tinha uns (alunos) que tinha assim... Como é que eu vou te dizer, é... Um distanciamento. Mas, assim, rinha de brigar e tudo, não. (PROF^a. ODETE)

4 De acordo com a Superintendência Central de Saúde do Servidor – Portaria/SCSS Nº003/2002, art. 1º, o ajustamento funcional poderá ser concedido ao servidor público efetivo ou detentor de função pública da Administração Direta, das Autarquias e das Fundações Públicas que, em virtude de problema de saúde, tornar-se inapto para exercer as funções específicas do seu cargo ou função. Conforme o primeiro parágrafo o servidor será ajustado, segundo orientação da Superintendência Central de Saúde do Servidor, pelo respectivo Chefe Imediato, a outras atividades compatíveis com a sua capacidade física, mental e grau de escolaridade.

Odete apenas relatou que ela teve algumas discussões com uma diretora em especial, por ser uma pessoa muito engajada politicamente e “extremamente sincera”.

Teve uma direção lá, que assim... Como eu vou te falar? Uma direção, assim, mais difícil. Eu trabalhei lá trinta anos, então, teve uma direção lá que foi a mais difícil. Até a convivência da direção com os professores e funcionários. Mas ela sempre tava lá para conversar, se fosse pra brigar ela brigava também, mas ela sempre tava ali pra... ela era como uma representante nossa. [...] falava o que o tinha que falar, e tal. Mas, não chegava a ser uma coisa assim... não. Depois de uma semana as duas (ela e a diretora) estavam se olhando. Ela só reivindicava mesmo as coisas. Às vezes, a gente falava tudo pra ela e ela ia lá e falava. Mas não guardava mágoa não. (PROF^a. ODETE)

Ao ser questionada sobre alguma situação difícil que marcou a atuação da Professora Maria, Odete logo relatou o último acontecimento que pôde presenciar.

Foi da Izabela, Izabela era a menina, assim... Como eu posso te falar, mais revoltada, com uns problemas que às vezes, assim... Tinha alguns problemas, assim, de família. Acho que o pai estava querendo separar. No final não sei se chegou a separar. Ela era moça. Assim, tinha uns dezesseis, dezessete anos e ainda estava na oitava série, então ela já estava defasada. Uma vez, elas tiveram uma entrevera. Elas tiveram uma coisa assim... Acho que ela chamou a atenção de alguma coisa... Mandou ela fazer os exercícios com atenção e estudar... Então, a Izabela a enfrentou. Ela enfrentou... Sabe? Mas, ela (Izabela) enfrentava todo mundo, né! Ela enfrentava todo mundo. Mais... aí depois disso, passou, sabe, não foi nada assim que tivesse que... ter expulsão, nem nada, foi uma coisa que elas mesmas contornaram. Isso ela falou pra nós, na sala dos professores. E no final, foi a Izabela quem fez a homenagem pra ela. Cê vê que coisa linda, né! Ela chorou tanto... Ela chorou muito. Então, cê vê como ela passava mesmo coisas boas. [...] Foi muito duro perdê-la. Sabe? E eu ainda continuei na escola depois que ela foi embora, sei lá... Por três ou quatro anos, saí esse ano, agora. Ficou aquele vazio, a gente entrava na sala dos professores e sentia um vazio, até hoje os meninos ainda falam que sentem falta dela, né! Então, foi assim uma pessoa que fez diferença, o importante é isso vim aqui e fazer a diferença. (PROF^a. ODETE)

Essa homenagem foi sugerida pelos próprios alunos da Professora Maria. Como eles estavam prestes a concluir o ensino médio, sugeriram à direção da escola que as turmas em que ela dava aula, tanto do ensino médio quanto do ensino fundamental, fizessem um mural, uma camisa personalizada (com sua foto) e um uma apresentação falando dela como profissional e pessoa. Em dezembro, os familiares foram convidados a comparecer à escola para receber essa homenagem.

A rotina de trabalho da Professora Maria não era diferente se comparada à dos demais professores. Para eles, a atividade na escola se “resume” a dar aulas. Ambos afirmam que, apesar de haver um planejamento, já pré-determinado pela escola X, sobre o conteúdo a ser seguido nas aulas, os professores tinham a

liberdade de mudar, aperfeiçoar ou crescer aquilo que julgassem importante ou necessário. Porém, o tempo não era suficiente para planejar e/ou revisar o conteúdo das aulas, elaborar e corrigir as provas ou atividades e executar as rotinas administrativas, tais como: relatórios, atas de reuniões e preenchimento de diários. Assim, era comum que o trabalho da escola se estendesse também ao ambiente familiar.

A gente sempre traz trabalho. Não fica só na escola. É impossível professor de ensino fundamental ou médio do estado não levar trabalho pra casa. Professor não deixa trabalho na escola não. Se ele quiser fazer um trabalho melhor, ele tem que levar trabalho para casa. Sempre tem... Porque não sobra, não dá tempo de você fazer o trabalho dentro da escola. A escola não dá essa oportunidade. (PROF. AGNALDO)

Só na escola não dá tempo de fazer o trabalho, não. É muito pouco! [...] Você sempre traz material para casa. Você trabalha em casa e na escola também. [...] ser professor estressa mesmo! É estressante! Nossa rotina é estressante, mesmo. Mesmo que você tenha qualquer coisa, você vive muito a situação de estresse. (PROF^a. ODETE)

Maria e Agnaldo lecionavam em dois turnos na escola X, de manhã e à noite, para alunos do ensino fundamental de quinta a oitava série e do ensino médio, respectivamente, sendo que eram responsáveis por aproximadamente seis turmas por dia.

A escola tinha um volume muito grande de alunos, o ideal seria no máximo vinte e cinco... para você trabalhar. Eh, é o ideal seria vinte e cinco. Mas, só que nenhuma escola, do estado, não tem esse número de alunos ideal, não. Sempre é acima. Tem turma lá que já teve até cinquenta alunos, tá! Dentro da sala, lá a realidade é essa... Tá. (PROF. AGNALDO)

Com relação à disposição da Professora Maria para o trabalho, Agnaldo reproduz um relato que reflete bem o que várias pesquisas, como as de Esteves (1999), Codo (1999), entre outros, vêm demonstrando com relação à saúde dos professores.

Bem disposta, é... Bem disposta. Cansaço, acho que, todos os professores tem! Se a gente for olhar, principalmente, o estado que a realidade que eu convivo. Eh... Sempre tem esse problema! As pessoas estão com problema de saúde, por causa do excesso de carga horária de trabalho e os problemas vão acumulando. Por causa do trabalho excessivo. Ah, a maioria tá com depressão, se for fazer um levantamento no estado de Minas Gerais a maioria das pessoas está com depressão. Exatamente, por causa do trabalho, excesso de trabalho, a realidade da comunidade onde trabalha e fica a escola. De uma forma, geral... Às vezes, a maior parte dos professores, isso que tô te falando, na minha convivência, mesmo doente vai trabalhar, não pode deixar a escola na mão, né? [...] Ela tinha muita energia, pra fazer as coisas. Mesmo assim, como eu to te falando, você via que ela não estava muito bem de saúde e ainda assim ela não deixava de participar. Ela fazia questão. (PROF. AGNALDO)

Como sugere a teoria de Canguilhem (apud CLOT, 2001) muitas vezes o

excesso no uso de reações defensivas nos torna facilitadores dos agentes da doença. Essa recusa em ouvir os sinais do próprio corpo e da mente que refletem o adoecimento ou sofrimento vem muitas vezes pelo sentimento de lealdade para com os outros professores e os alunos. Isso porque não há substitutos de professores nas escolas do estado:

Na maioria das vezes não. Na maioria das vezes o aluno fica sem a... coisa. Então acaba fazendo aquele deslocamento, por exemplo, a pessoa trabalha na biblioteca, ou uma... a gente chama de eventual. Mas geralmente, eventual é só de primeira a quarta, no ensino fundamental, né. No médio, não tem isso. Geralmente, é... desloca um professor que está em dia de planejamento para cobrir aquele horário. (PROF. AGNALDO)

Com relação ao aprendizado dos alunos da Professora Maria, Agnaldo considera que na época era razoável. Segundo ele:

Deveria, poderia ser melhor. Mas a gente sente que não poderia fazer um trabalho bom, geralmente pelo excesso de alunos dentro de sala. (PROF. AGNALDO)

Por se tratar de uma “escola diferente”, termo esse utilizado por Agnaldo para substituir “de periferia”, a escola X requer um trabalho mais direcionado, ou seja, voltado para a realidade da comunidade local. Agnaldo considera, ainda, como sendo o fator mais complicado:

O problema da disciplina, pela própria carência da comunidade, né... Então, a escola sempre foi o ponto central da comunidade. Porque não tinha outra... outro atrativo. Então, a escola era sempre o ponto de referência. Por isso... que sempre fizemos um trabalho diferenciado, pra buscar... Porque a comunidade... ela... sempre buscou na escola aquilo ali... (PROF. AGNALDO)

Odete também enfatiza em sua fala esse cuidado especial que a Professora Maria tinha para com os seus alunos da escola X.

A escola pública, tem né... Ainda mais a nossa escola que é periférica, é de periferia, mesmo. Nós estamos inseridos ali no bairro Bonsucesso, tem umas três ou quatro... né? Aglomerado, hoje são os aglomerados. Então, a maioria dos meninos é muito carente mesmo. Sabe! É carência de amor, é carência de bens materiais, é carência de muita coisa... Família, né! Muita carência! E ela cobria isso muito, porque ela tentava... Muitas vezes, assim, eu da biblioteca a via sentada nos bancos, no horário de intervalo, de uma aula pra outra, ou às vezes, a gente chama de buraco, quando às vezes, assim um professor não vai e ficava aquele buraco. Ai ela sentava, os meninos contavam da vida deles. Cê entende! Uns falavam que estavam mexendo com droga, uns assim encrespando, aí ela falava com eles pra sair dessa, as meninas conversavam com ela a respeito de sexo, coisa que elas às vezes não podiam conversar em casa. Eles achavam nela uma pessoa em quem podiam confiar. Além do Português, ela também dava isso, pra todo mundo, ela ensina tudo... (PROF^a. ODETE)

Como disseram Arroyo (2009) e Teixeira (2006), o distanciamento entre os alunos e professores é hoje o ponto mais fraco de nossas escolas. E é

justamente com esse olhar que Odete percebe os resultados alcançados por Maria em sala de aula. Para ela, Maria tinha um bom relacionamento com seus alunos, por ter uma boa comunicação (fruto inclusive do trabalho como radialista, cujo foco era despertar no outro o desejo de ser ouvido), por amar a profissão, e pela satisfação de ver que mesmo diante das adversidades era possível desenvolver um trabalho bem feito, com bons resultados. Seguem trechos da entrevista, para melhor ilustrar isso:

Ela tinha um bom relacionamento com os meninos. Ela conseguia, né... Sabe... Fazer com que os meninos se interessassem pela matéria dela. Porque ela pegava, assim, muitas vezes a vi, pegava músicas, textos de músicas, reportagem, cê entende? [...] Então, aquilo ali, colocava os meninos dentro do da... como se diz, dentro da notícia e dentro do Português. Então ela fazia uma junção disso e fazia um trabalho muito bom. Apesar dos meninos. (PROF^a. ODETE)

Eu acho que o que motivava ela era amor, né! É o amor. Pra ser professor, sabe... Você tem que ter amor, vestir a camisa, mesmo. E ter amor. Se não, não vai. Não adianta! Você pode tentar, porque recompensa financeira cê não tem. Mas, você tem outras recompensas. Cê entende! Então, eu acho assim, que ser professor é uma profissão que traz muita compensação pra gente, sabe? Muita compensação! E ela tinha muito amor, o trabalho dela era esse, se ela pudesse ela tinha mais do que cinco horários, ela trabalhava: manhã, tarde, noite. Ela amava, ela gostava mesmo do que ela fazia. Ela nasceu pra ser professora, né. A gente nasce para ser professor. Nasce para ser médico, né? Eu acho... (PROF^a. ODETE)

Ah, o maior sentimento de realização que ela tinha é quando os meninos aprendiam, mesmo, a matéria dela. Sabe? Fazia mesmo uma redação bonita, sabe? Ela via que os meninos sabiam ler e escrever, mesmo. Corretamente, coerentemente, [...] Acho que isso para qualquer professor. Qualquer trabalho bom que você fizer, traz realização, né? Isso era muito importante pra ela, no final do ano ela saber que os meninos... Tinha aluno que ia uma vez por ano aí não adiantava, não tinha como passar ele, mas aquele que ela ficou ali durante o ano todo que ela trabalhou... Os meninos conseguiam passar, isso eu acho que era o mais importante. [...] Tem muitos meninos que já formaram, sabe? Já tem meninos, nossos lá da escola, que hoje já são médicos. Tem meninos que são assistentes sociais. Tem menino que formou em farmácia... veterinária. (PROF.^a ODETE).

Vê-se, principalmente pelo segundo fragmento, que o discurso da Prof.^a Odete corresponde ao que propõe Flach (2009). Ou seja, a remuneração é percebida para além do âmbito financeiro.

Mesmo com as dificuldades do ambiente de trabalho, ao ser questionado quanto à realização profissional de Maria, Agnaldo afirma que era perceptível a satisfação e o gosto pela educação, que havia sim uma relação de amor e que ela gostava muito de fazer o seu trabalho.

As memórias que mais marcaram a atuação da Maria enquanto

profissional não estão ligadas a frases específicas, e sim a suas atitudes, segundo, o professor Agnaldo, conforme trecho transcrito:

Frases?... Eu lembro mais das atitudes, assim... Como, né... A vontade de ir para sala, de trabalhar de fazer alguma coisa boa. De, de ajudar os alunos. De fazer um trabalho bem feito. [...] Quando tinha um projeto ela sempre tava puxando, tomando frente pra fazer. [...] Sempre ela tomava a frente, principalmente, na leitura. Com relação à leitura, que era a área que ela atuava né! Fazia os meninos escreverem, né! Poesia, né... Tudo! Assim, ela participava. A visão que eu tenho é que foi muito produtiva pra gente, em termos de tudo... amizade. Foi uma turma muito unida, nessa época, todos os professores gostavam de trabalhar. (PROF. AGNALDO)

Odete reforça a atitude engajada da Professora Maria, que estava sempre participando dos movimentos sindicais, das greves e “lutas” por melhorias nas condições e na organização do trabalho dos educadores. Ela, inclusive, enfatiza que Maria cobrava dos outros professores o mesmo empenho e envolvimento. Para ela, a lembrança que fica é de:

Uma profissional coerente e coesa com aquilo que ela queria, participativa. Reivindicou coisas pra gente, cê entende? Ela reivindicava mesmo, ela era assim filiada a essas coisas de professores... CUT e tudo. Então, quando tinha qualquer movimento ela trazia, passava pra gente. E tudo, ela muito engajada nisso. Então, a importância dela pra nós, como ser humano... Assim... Ela era uma pessoa ótima, amiga. Igual, eu te falei, ela era muito sincera, muito sincera, uma pessoa maravilhosa. Mas, ela falava a verdade. Isso é bom, né? Porque amigo é aquele que te fala a verdade, mesmo que doa. Mas... é amiga, né! Eu tenho a família dela, as meninas... como se fossem filhas minhas, nós fizemos uma amizade assim pra vida toda. (PROF.^a ODETE)

Contrapondo a idéia de vocação Odete apresenta atitudes que reforçam o perfil decisivo e de luta da Professora Maria, que vão ao encontro com sua postura enquanto pessoa e profissional.

O reconhecimento dos pares de trabalho geralmente se dá de forma esporádica. Não são raros os casos de pessoas que são homenageadas pós-morte e, ainda sim, não deixaram de contribuir com seu trabalho para com a sociedade. O que de fato move o agir dessas pessoas está diretamente ligado ao seu próprio reconhecimento e à consciência de utilidade social. (informação verbal) ⁵.

Portanto, não cabem aqui julgamentos, e sim reforçar a percepção de que a convivência, pelo menos entre os entrevistados, reflete bem a relação estabelecida com o mundo e o retorno que eles recebiam, algo primordial para dar sentido à atividade docente e à própria vida.

⁵ Fala da professora Maria Elizabeth Antunes Lima, durante uma aula do curso de Especialização em Psicologia do Trabalho da Universidade Federal de Minas Gerais, em junho de 2010.

4.4 Colcha de retalhos

Árduo, incerto e melindroso foi o ato de trabalhar com o tecido da memória, com a oralidade dos fatos vivenciados ou silenciados. Com a recriação de momentos não compartilhados. Como atestar a veracidade do real produzido?

Transcrevendo as entrevistas, mantidas sem qualquer alteração, mesmo após revistas pelos participantes da pesquisa, e também pela recorrência do texto produzido com os familiares, percebe-se que a singularidade e a forma como as marcas se registram se revelam tal como em uma colcha de retalhos, em que cada pedaço de tecido possui formatos, cores, densidades, nuances diferentes e se unem formando um objeto único. Mas aqui não se trata de um objeto, e sim de uma pessoa.

A profundidade do legado deixado no mundo por uma pessoa requer uma injunção paradoxal de sensibilidade e distanciamento. É preciso perceber, compartilhar, vivenciar, experimentar e entender, assim como disse Assis⁶ (1986 conforme Mignot, 2002, p. 33) que “esquecer é uma necessidade. [afinal] A vida é uma lousa em que o destino para escrever um novo caso precisa apagar o caso escrito.” E que, segundo D’Araújo⁷ (1996 conforme Mignot, 2002, p.18), “a guarda do papel escrito é a guarda da vida contida no papel. Em outras palavras, guarda-se o (...) que contém vida”.

Talvez por isso o acesso aos pertences de Maria foi escasso. Apenas os certificados, diplomas e a carteira de trabalho, documentos cujos dados são precisos, incontestáveis, probatórios do ponto de vista profissional puderam ser analisados. Porém, outros objetos e artigos íntimos ligados à sua maneira de viver e à atividade de educadora, como: textos, livros, materiais de trabalho, fotos, entre outros, não foram guardados pelos familiares.

⁶ ASSIS, Machado de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar. 1986. Conforme SCHOLLHAMMER, Karl Erick. op. cit. p.202.

⁷ WARDE, Mirian Jorge. Anotações para uma historiografia da Educação Brasileira. EM ABERTO (23), 1984 e LOPES, Eliane Marta T. *Perspectivas Históricas da Educação*. São Paulo: Ática, 1986.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, que se iniciou pela curiosidade e pelo desejo de decifrar como se dava a realização profissional da Professora Maria, encaminhou uma série de questionamentos, que por sua vez remetiam a novas leituras, e novas dúvidas surgiam como em um ciclo vicioso cujo término não se restringe a esse trabalho.

A idéia inicial de realização baseava-se no uso da criatividade, da liberdade de expressão e do reconhecimento. Devido à especificidade encontrada, o trabalho assumiu, pois, contornos ainda mais amplos, visto que o ser humano a cada instante tem em suas mãos o poder pleno da escolha, diante da imprevisibilidade. E, assim, o sentimento de satisfação, contentamento, missão cumprida e bem executada, também advém desse poder consciente ou inconsciente de gerir.

A idealização pertinente ao humano foi substituída pela face da realidade, apresentando-se através de lembranças e momentos que representam uma vida difícil, sim. Entretanto, sem características heróicas ou mágicas. Talvez seja este o grande mistério da arte de viver: compreender que sentimentos tidos como bons e ruins podem se misturar. E nesse mosaico cabe a cada um de nós fazer com que a intensidade deles se perpetue ou diminua e, dessa forma enquanto houver a emoção, o desejo e o poder de agir, estaremos, sim, vivos e realizados.

Em uma sociedade que caminha a passos largos para o caos, sobressai-se o sentimento de egoísmo, a competitividade, as injustiças e a exploração do homem sobre o homem. Por isso, depositamos na escola e nos professores a esperança de construir um mundo melhor. Atribui-se a eles um papel importante de inclusão do aluno na sociedade e no mercado de trabalho.

No entanto, deve-se destacar que para isso faz-se necessário uma reflexão da escola sobre o aproveitamento dos alunos em relação ao projeto pedagógico e, também, sobre as condições consideradas no mínimo como dignas dos educadores, no desempenho de sua atividade. A escola e o professor precisam estar em sintonia com as situações reais da sociedade, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, reflexivos, questionadores, formadores de opinião e que consigam colocar em prática, com competência, o que aprenderam.

Vale ressaltar que é função não só da escola ou dos professores, mas também da sociedade, criar tais condições para que o filtro sobre o correto e o

errado seja realizado pela capacidade crítica do próprio aluno/cidadão que emerge desse processo de aprendizagem.

A história de Maria demonstra exatamente isso, o ideal e a responsabilidade de uma pessoa enquanto educadora e cidadã. Para a realização profissional há de se considerar o indivíduo como um ser completo e complexo e, por isso, a melhor forma de correlacionar esses dois mundos pode realmente ser como a Professora Maria fez durante sua trajetória de vida: sendo ela mesma. Acreditando no seu poder de agir e não aceitando que lhe fosse “imputado” tal direito.

É necessário caminhar em busca de um ideal, acreditando ser capaz de agir e mudar, sem grandes aspirações quanto ao mundo... Simplesmente, exercendo o poder de escolha na busca de um conhecimento, de uma vivência que possa de fato ter relevância e ser utilizada por todos e para todos.

Nessa perspectiva, a relação entre aluno e professor foi embasada na atitude, no agir frente a um universo em comum. Desse modo, Maria estabelecia um vínculo de afeto, dentro e fora da sala de aula, tornando possível a prática de uma aprendizagem ora voltada para o padrão pedagógico, ora para a vivência de seus alunos e sua própria percepção de realidade.

Essa realidade exigia um agir consciente e responsável; por isso, em vários momentos de sua vida Maria assumia uma postura engajada, em equilíbrio com o seu próprio senso de verdade, com sua ética. Tal envolvimento pode ser considerado como um indicador de quão forte e marcante foi o trabalho dessa profissional, por ainda se fazer presente nas memórias e lembranças daqueles que puderam compartilhar dessa experiência de vida e por aguçar olhares, pontos de vistas, ainda mais profundos e cuidadosos.

De fato, seria extremante gratificante poder contar a vida não só através do outro. A história de vida da Professora Maria merecia ser apresentada em toda a sua complexidade e simplicidade. Mas é preciso gerir a imprevisibilidade! Tempo, esforços e dedicação não faltaram para construir esse trabalho. Sabe-se que o envolvimento de outras pessoas poderia também ser mais bem explorado, tais como as memórias e lembranças de outros alunos, diretores, dos demais filhos... Mas, é preciso gerir a imprevisibilidade!

Outro entrave importante foi a falta de pertences particulares. O

sentimento de frustração só pôde ser assimilado quando me coloquei no lugar de seus familiares e busquei entender essa representatividade perante a atual sociedade de consumo, na qual o desejo e a necessidade do novo aceleram continuamente o tempo cronológico e nos impulsionam quase que de modo inconsciente ao descarte do passado, para se viver o presente tendo os olhos no futuro.

E nessa adaptação aos novos tempos, cultivar o passado, mesmo que seja para uma melhor compreensão da nossa identidade e da nossa cultura, requer um grande esforço, muitas vezes incompreendido e recriminado pelo outro. Com isso, tudo aquilo que algum dia compôs parte de nossa existência - bem como aqueles que por pouco ou muito tempo um dia estiveram presentes em nossa trajetória de vida - acaba sendo descartado, esquecido. A dor e a ausência precisam ser substituídas no menor tempo possível, não nos é dado o direito de sermos saudosistas. Devemos estar atentos às novas tendências, sempre de prontidão e resilientes.

Porém, há aqueles cujo olhar no futuro não se limita; normalmente, eles também se guiam por rastros e pistas, por vezes esquecidas, em busca de tesouros, ou querem que suas pegadas também sejam seguidas. Nesse caso, acabei por atingir os dois objetivos.

Compreender que a realização profissional do educador está muito mais ligada a nós mesmos e que é possível, sim, responder a esse chamado de extrema responsabilidade se o percebemos como uma questão de escolha torna-se viável quando consideramos que a todo o momento estamos gerindo imprevisibilidades, tendo que realizar escolhas capazes ou não de nos mobilizar rumo às nossas necessidades, frustrações e realizações.

Assim, durante a pesquisa, o que se revela tange a essência do ser humano e da docência. Contamos com a formação de cidadãos aptos a criar, reelaborar e gerir suas histórias de vida. Então, do educador não se deve esperar milagres, e sim que sejam pessoas com histórias singulares capazes de mobilizar e fomentar nos outros os mais diversos interesses humanos que traduzam a dicotomia entre a simplicidade e a complexidade, a emoção e a razão, o ético e o não ético, enfim, sobre o poder de escolha.

Ficam, pois, questionamentos ainda mais fortes: O educador de hoje está

sendo preparado para lidar com todo esse poder? Temos consciência daquilo que queremos deixar no mundo? Por que em muitos momentos nos atentamos tanto à busca da realização profissional e acabamos não identificando o verdadeiro sentido do trabalho? E qual seria de fato o verdadeiro sentido do trabalho do educador?

Apesar das imprevisibilidades que limitaram essa pesquisa, pode-se afirmar que não se trata das respostas encontradas, ou dos questionamentos a serem levantados... O que permanece, seguramente, é o “potencial dessa investigação”. Outros estudos focados não somente no adoecimento ou realização do educador poderão vir a representar significados ainda mais relevantes sobre a essência do educador e da docência. Dessa reflexão espera-se que ultrapasse os contornos da minha vivência e alcance a “curiosidade” de outros em prol de um conhecimento infindável.

REFERÊNCIAS

Anuário dos Trabalhadores 10ª edição ano de 2009. In: DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/anu/anuarioTrabalhadores2009/index.html>>. Acesso em: 25 out. 2010.

ARROYO, Miguel Gonzales. *Recuperar a Humanidade Roubada*. Curso de Formação de Conselheiros Nacionais. SGPR/UFMG, 2009.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; HECKERT, Lúcia Coelho; MARCHIORI, Flávia Moreira. *Desafios para a pesquisa dos processos de trabalho: a CAP como estratégia*. *Estudos e Pesquisa Psicologia*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812006000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 dez. 2010.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. 3.ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 219 p.

BRASIL. *O campo da Saúde dos Trabalhadores e o papel dos profissionais de Saúde na Atenção à Saúde dos Trabalhadores*. In: Ministério da Saúde. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2001. p.17-26.

BRASIL. *Lei nº. 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Brasília. DF, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acesso em: 25 out. 2010.

BRASIL. Superintendência Central de Saúde do Servidor. *Portaria nº. 003/2002*, de 08 de maio de 2002. Secretaria de Estado de Recursos Humanos e Administração, Belo Horizonte, MG, 08 mai. 2002. Disponível em: <http://www.fazenda.mg.gov.br/servidores/acompanhamento_sociofuncional/legislacao/portaria003scss_ajustamentofuncional.html>. Acesso em: 04 mar. 2011.

CHARLOT, Bernard. *Educação, trabalho: problemáticas contemporâneas que convergem*. Cuiabá: UFMT, 2003. (mimeo)

CLOT, Yves. *Clínica do trabalho, clínica do real*. Le journal des psychologues, Paris, 2001, n. 185, 9p. Disponível em: <<http://www.pqv.unifesp.br/clotClindotrab-tradkslb.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2009.

CLOT, Yves. *A função Psicológica do Trabalho*. Tradução de Adail Sobra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 222p. Título original: La fonction psychologique du travail.

CLOT, Yves. Entrevista concedida a *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 9, n. 2, dez. 2006. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172006000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 dez. 2010.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. *O que é burnout?* In: CODO, W. (Coord.). *Educação, carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília, DF: CNTE; UnB, 1999. p.237-254. Disponível em: <http://pedagogia.incubadora.fapesp.br/portal/DISCIPLINAS%20-%20eLIE%20Ghanem/CODOWanderleyVAZQUESMENEZESI_c3_b4neOQue_c3_a9BurnoutInCODOWanderleyCoordEduca_c3_a7_c3_a3oCarinhoETrabalhoPetr_c3_b3polisRJVozesBras_c3_adliaDFCNTEUnb1999P23754>. Acesso em: 21 mar. 2007.

CODO, Wanderley; SORATTO, Lúcia; VASQUES-MENEZES, Iône. *Saúde Mental e Trabalho*. In: ZANELLI, José Carlo; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt. (Ed.). *Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p.276-299.

CONGRESSO NACIONAL DOS PROFESSORES, 9, 2007, Lisboa. *É preciso reconstruir um compromisso social com a escola pública*. Lisboa: FENPROF - Federação Nacional dos Professores, 2007. Disponível em: <http://www.sprc.pt/paginas/Novidades/Pdfs/Docs9Congresso/9Cong_Interv_AntonioNovoa.pdf>. Acesso em: 25 out. 2010.

DINIZ, Gláucia et al. *O trabalho enlouquece?* Um encontro entre a clínica e o trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 238p.

DUARTE, Adriana. *Trabalho docente na rede municipal de ensino de Belo Horizonte: análise da produção acadêmica*. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 26, n. 2, 457-487, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/gestrado/files/artigos/analiseproacad.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2011.

ESTEVE, José Manuel. Tradução de Durley de Carvalho Cavicchia. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999. 175p.

FERREIRA, Mário César; MENDES, Ana Magnólia. *Trabalho e riscos de adoecimento: o caso dos auditores-fiscais da previdência social brasileira*. Brasília, DF: Ler, pensar, agir, 2003.

FLACH, Leonardo et al. *Sofrimento psíquico no trabalho contemporâneo: analisando uma revista de negócios*. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p.193-202, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n2/v21n2a06.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2009.

FORTES, Ronaldo Vielmi. *Trabalho e gênese do ser social na "Ontologia" de George Lukács*. 2001. 197p. Dissertação (Mestrado de Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

GAULEJAC, Vicent de. *Histórias de vida e escolhas teóricas*. Tradução de Vanessa Andrade Barros. Transcrição: Renata Amaral Araújo. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 1996. 8p. Título original: *Histoires de vie et choix théoriques*. Les Cahiers du Laboratoire de Changement Social; nº 1 – jun. 1996, Université de Paris. 7, Paris.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*. 2.^a ed., São Paulo, Cortez, 1998. 336p.

GADOTTI, Moacir. *A questão da educação formal/não-formal*. In: INSTITUT INTERNATIONAL DES DROITS DE L'ENFANT (IDE), 2005, Sion (Suisse). *Anais...Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes sans solution?* Sion (Suisse), 2005. 15p.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. *A polêmica em torno da centralidade do trabalho na sociedade contemporânea*. Destarte, nº. II, vol. 2, p.161-194, 2003.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto*. Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 2002. 356p.

Nóvoa, Antônio. Entrevista concedida à *TV Brasil: salto para o futuro*, São Paulo, 13 set. 2001. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=59>. Acesso em: 27 set. 2010.

Nóvoa, Antônio. Entrevista concedida a *Trabalho e educação*, São Paulo, ed. 154, fev. 2010. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=12841>>. Acesso em: 27 set. 2010.

SANTOS, Angelita Antônia dos. *A saúde entre o trabalho e a vida: uma análise referenciada nas abordagens ergonômicas e ergológicas da atividade*. 2008. 248p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SCHWARTZ, Yves. *Os ingredientes da competência: um exercício necessário para uma questão insolúvel*. Revista Educação & Sociedade. n. 65, p.27-61. 1998.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. *Da condição docente: primeiras aproximações teóricas*. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 28, n. 99, p.426-443, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 25 out. 2010.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. *Cadências escolares, ritmos docentes*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.5, n2, p.87-108, jul./dez. 1999.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Eu, Elaine Cristina Machado, portadora do R.G. nº 10.315.296 SSP/MG e do CPF nº 049.189.776-69, aluna do curso de Pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora responsável pela pesquisa intitulada: “A realização no trabalho docente – um estudo de caso sobre a atuação de uma professora do ensino público de nível fundamental e médio de Belo Horizonte”, que tem por objetivo identificar na sua atividade de trabalho como se dava o sentimento de realização, através das memórias, pertences e lembranças daqueles que conviveram diretamente com ela, convido-lhe a participar da mesma e peço o seu consentimento para que seja observado/a em seu espaço familiar, entrevistado/a e fotografado/a, sendo a entrevista gravada em áudio. Ressalta-se ainda que o dados de entrevista serão levantados em situação de adesão voluntária ao projeto por parte dos sujeitos que da pesquisa fizerem parte.

Os dados coletados na pesquisa e as informações obtidas nas diferentes etapas da pesquisa serão utilizados na escrita de diferentes artigos e trabalhos científicos que serão encaminhados para publicação em periódicos da área da educação e para apresentação em eventos científicos da área.

Será garantida a confidencialidade, caso assim o queira. É pertinente ainda esclarecer que a participação no projeto não prevê nenhum tipo de ressarcimento ou indenização, sendo que suas contribuições nos auxiliarão na construção de um processo investigativo que visa à compreensão de práticas de leituras de trabalhadores/as do campo, o que pode contribuir para a obtenção de dados acerca do campo brasileiro, muitas vezes não contemplado nas pesquisas realizadas, tanto pela academia quanto por órgãos públicos e privados. Garantimos ainda que sua participação nessa pesquisa, em qualquer uma de suas fases, não trará riscos ou desconfortos.

Os sujeitos participantes da pesquisa o farão por vontade espontânea, e são livres para, a qualquer momento que desejarem e em qualquer fase da pesquisa, recusarem-se a participar ou retirarem seu consentimento de participação na pesquisa, sem qualquer prejuízo às mesmas, conforme garantias legais

baseadas na Resolução CNS 196/96. Caso surjam quaisquer problemas, além de contactar o pesquisador responsável pela pesquisa (Elaine Cristina Machado), poderão também entrar em contato com o orientador da pesquisa, bem com o Comitê de Ética da UFMG (ver endereço abaixo):

Eu, (participante da pesquisa), declaro que não somente li esse documento, mas que também tive a oportunidade de discutir o projeto “A realização no trabalho docente – um estudo de caso sobre a atuação de uma professora do ensino público de nível fundamental e médio de Belo Horizonte” com a pesquisadora responsável (Elaine Cristina Machado), entendendo as informações por ela fornecidas. Assim, sinto-me esclarecido (a) para participar da pesquisa. Participo da pesquisa, portanto, com meu consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do/a participante

Local e data

Assinatura do/a participante

Local e data

COEP – Comitê de Ética em Pesquisa

Av. Antônio Carlos, 6627

Unidade Administrativa II – 2º andar – Sala 2005

Campus Pampulha

Belo Horizonte, MG – Brasil

e-mail: coep@prpq@ufmg.br

Telefax: 31 3409-4592

ANEXO B – COLETA DE DADOS / ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Coleta de Dados/Pertences - Durante as visitas realizadas solicitar acesso a:

- Livros que lhe pertenciam ou que lhes foram dados por ela; material de aula – se ainda guardarem algo; vídeos escolares – se tiver algum; trabalhos guardados; certificados/diplomas; homenagem de alunos e da escola; fotos.

Roteiro de Entrevista para os familiares:

- Como se constituía a rotina de D. Maria em casa?
- Ela levava trabalho para casa?
- Que tipo de trabalho?
- Costumava comentar sobre situações vivenciadas no ambiente de trabalho? Quando?
 - Que tipo de situações? E em qual frequência?
 - Qual é sua visão sobre o trabalho que ela realizava?
 - Que tipo de emoção ou afeto marca as lembranças que você tem sobre o trabalho na escola feito pela D. Maria?
 - Qual foi o principal valor sobre o trabalho que ela deixou para você?

Roteiro de entrevista para os pares de trabalho

- Como se constituía a rotina de trabalho de D. Maria?
- Ela apresentava um bom relacionamento com os outros professores?
- E com você? Por quê?
- Para que tipo de alunos ela lecionava?
- Em média, normalmente eram quantos por sala?
- Como era o aproveitamento de seus alunos, você sabe me informar?

- Quanto tempo ela ficava na escola?
- Para quantas turmas lecionava?
- Chegava a levar trabalho para casa?
- Era uma pessoa bem disposta para o trabalho?
- Qual era sua frequência de faltas?
- No cotidiano, que tipo de emoções ela demonstrava? Dê exemplos.
- Ela tinha uma frase ou uma expressão que costumava usar para falar

do trabalho que realizava?

- Qual é o diferencial dela na escola?
- Como profissional, qual era sua linha de atuação?
- O que ela priorizava, como educadora?
- Qual a sua visão sobre o trabalho que ela realizava?
- Qual é a sua visão sobre o seu trabalho no tempo em que estavam

juntos?

- Mudou alguma coisa, se pensar no seu trabalho hoje? O quê?
- Quais situações vêm à memória quando falo do tipo de afeto que ela

tinha com seu trabalho? Por quê?

ANEXO C – PERTENCES DISPONIBILIZADOS

- Carteira de Registro Profissional de Professor, Carteira de Trabalho e Certificados e Diplomas, conforme dados abaixo:

Certificados/Diplomas	Entidade	Data	Local
Jardim de Infância	Antonieta Bias Fortes	Sem data	Jequitinhonha
Curso Primário	Secretaria de Educação de Minas Gerais	Dez/67	Jequitinhonha
Habilitação de Magistério de 1º Grau (1ª a 4ª série)	Escola Estadual São Miguel	Ago/82	Jequitinhonha
Prova de Aproveitamento do Curso Intensivo de Treinamento Funcional, no nível de escolaridade 2º grau	Secretaria de Estado de Recursos Humanos e Administração / Instituto Estadual de Desenvolvimento de Recursos Humanos	Jan/92	Belo Horizonte
Curso de Letras	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	Set/95	Belo Horizonte
Curso de Atualização para professores que ministram aulas de 3ª e 4ª série no ensino fundamental	Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais	Ago/96	Jequitinhonha
Ciclo de Estudos para Professores de Português de 5ª a 8ª série do ensino fundamental	Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais	Set/96	Jequitinhonha
Curso de atualização para profissionais que atuam nos conteúdos de história e geografia de CBA à 4ª série do ensino fundamental	Escola Estadual Epaminondas Ramos	Set/97	Jequitinhonha
Capacitação básica do Programa de Educação Afetivo Sexual	Fundação Odebrecht	Nov/00	Belo Horizonte
Curso de Capacitação de Língua Portuguesa	Secretaria de Estado de Educação	Dez/05	Belo Horizonte